APRESENTAÇÃO

Museus são usinas mnemônicas: neles, as memórias são produzidas, editadas, recicladas, reconfiguradas, reavaliadas e, de quebra, exibidas. A produção incessante de memórias torna um museu vivo na medida em que o seu alvo não é o passado em si mesmo. Os museus valorizam, sim, o passado, da mesma maneira que valorizam o presente e o futuro. Isso ocorre porque o seu verdadeiro interesse é a temporalidade enquanto fenômeno que nos afeta e que nos constitui. A apropriação engajada e experimental da temporalidade faz dos museus centros de resistência, sobretudo quando se considera o seu papel enquanto instrumento de construção crítica da memória da comunidade na qual eles se inserem.

Tudo aquilo que produz memórias coletivas interessa aos museus. Por isso, no conjunto de imagens e objetos, práticas e saberes que constituem o acervo dos museus, destacam-se as alegorias. E de fato, elas estão por toda parte. Um rápido correr de olhos pelas salas de exposição de um museu (e, às vezes, até mesmo para o próprio prédio), é o suficiente para nos depararmos com imagens alegóricas. Elas são variadas e instigantes: imagens femininas e masculinas, elementos e seres da natureza, formas e seres imaginários, cores e números e sons, imagens e formas geométricas. Ofertando-lhes um pouco de atenção, percebemos que elas querem representar (e em certos grupos sociais representam) o trabalho, a liberdade, a fraternidade, o amor, a guerra, a sabedoria, a família, a revolução, a vitória, a religião, os orixás, a escrita, a leitura e assim por diante.

Mas, afinal, o que é uma alegoria? E qual a sua relevância para os espaços de memória? Partindo dos fundamentos etimológicos da palavra, é possível dizer, de uma maneira bastante simples, que a alegoria implica o desejo (satisfeito ou não) de representar uma ideia, um conceito, uma categoria de pensamento sob a aparência de outra. A noção permite referir-se ao tipo de figura de linguagem e procedimento estético que, no âmbito da retórica e da criação artística, lançam mão de um elemento verbal ou plástico para significar outra coisa diferente.

A alegoria usa elementos cognitivamente mais conhecidos para criar na mente do receptor a imagem de um elemento menos conhecido. É tão extraordinária a força da alegoria que foi a ela que Platão recorreu para refletir sobre a relação entre a realidade e a ilusão, lançando as bases da filosofia ocidental. No intuito de tornar mais compreensíveis conceitos tão abstratos, Platão lança mão da famosa alegoria da caverna, que mostra os efeitos das sombras e da luz do sol sobre aquilo que julgamos conhecer. Agregando doses equilibradas de poesia e didática ao fulgor da inteligência, a alegoria de Platão torna mais compreensível e concreto o fluxo de seu pensamento, uma vez que este é convertido em imagem.

Apropriando-se da noção de alegoria, no intuito de aprofundá-la, o filósofo Walter Benjamin – séculos depois de Platão – propõe uma reflexão sobre a sua relação com a temporalidade. Para Benjamin, a alegoria expressa, de forma condensada, um determinado conteúdo historicamente situado. Entretanto, como o tempo para Benjamin é multidirecional, os conteúdos históricos estão dialeticamente em tensa relação com os conteúdos trans-históricos. O resultado disso é que elementos empíricos e concretos são atravessados por noções que transcendem espaços e tempos, fazendo-os convergir para o aqui-agora do presente. A alegoria, portanto, sem perder o seu fundamento de usar uma imagem para evocar outra, seria uma forma de expressão que tira partido do choque entre as múltiplas temporalidades, condensando-as num objeto com enorme potencial estético.

Entendida dessa forma, a alegoria exige do receptor uma atitude de inquietação, no sentido de estar sempre problematizando a imagem que ele tem diante dos olhos e sua própria relação com a imagem. Isso porque a alegoria não é uma mera ilustração de um conceito ou valor abstrato. Na fronteira entre a identidade e a alteridade, o material e o imaterial, o conceitual e o metafórico, a alegoria – atuando como potente gatilho da memória – põe pensamentos e afetos em movimento.

Levadas para o âmbito museológico, as instigantes formulações de Benjamin permitem-nos dizer que as alegorias que um museu abriga passam a estabelecer, a partir do momento em que são disponibilizadas ao público, um diálogo em que diferentes momentos históricos se interconectam. Colocar-se diante de uma imagem alegórica, num museu, muito

mais do que uma atitude de passiva contemplação, implica deixar-se impregnar por sua poderosa carga reflexiva e afetiva, de modo que o visitante é mobilizado de forma integral. É essa mobilização que instiga o visitante a se questionar sobre a multiplicidade de sentidos que as alegorias lhe apresentam.

Num museu que se propõe a refletir sobre o conturbado processo de formação da nossa identidade nacional, sobretudo nos seus aspectos políticos, como é o caso do Museu da República, a necessidade de interpelar as alegorias é crucial. Instalado numa casa que presenciou a transição do regime monárquico para o republicano, o Museu da República tem uma notável coleção de alegorias. Muitas são pinturas, outras tantas esculturas e a própria arquitetura do Palácio está ancorada numa linguagem alegórica.

No que se refere à arte pictórica, destacam-se as alegorias à pintura, à literatura, à escultura e à arquitetura, localizadas entre o primeiro e o segundo lance de escadas. Destacam-se também os vitrais, os tetos e as paredes do segundo pavimento, sem esquecer o Salão Ministerial no primeiro pavimento, todos com referências alegóricas a deuses, heróis, musas, datas, elementos míticos, religiosos e uma extraordinária profusão de atributos.

Em relação à arquitetura, convém destacar o tratamento do espaço e dos elementos decorativos, a tensão permanente entre o público e o privado, a profusão de imagens no espaço, o que vai desde as águias no topo do palácio até aos detalhes do portão, da cantaria, dos assoalhos, do piso hidráulico, da serralheria e dos símbolos míticos e republicanos espalhados por todos os lados. Além disso, o palácio ele mesmo é uma alegoria que quer falar, quer dar um testemunho público, da sua conexão com outros palácios, palacetes e casas, de outros tempos, sejam eles neoclássicos, renascentistas ou romanos.

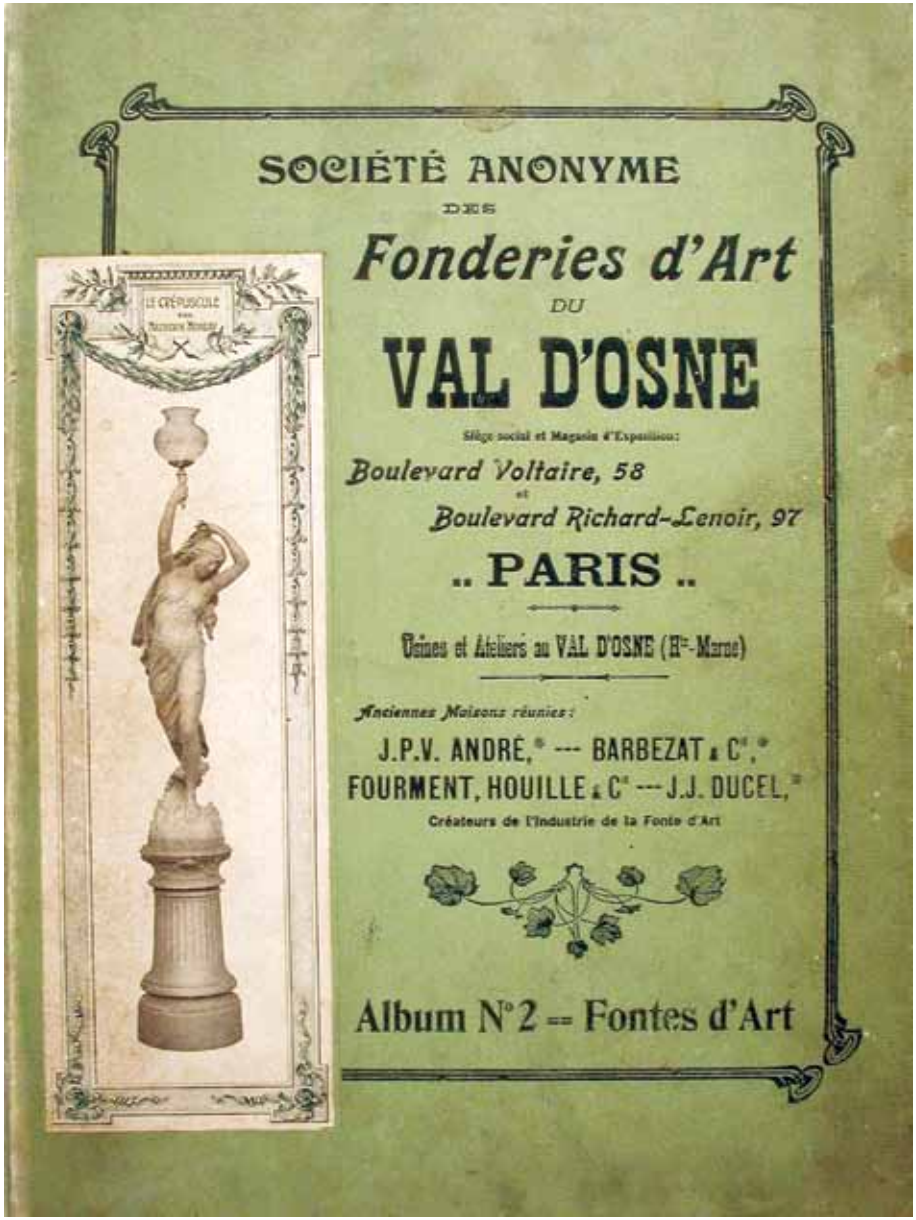
No que se refere à arte da escultura, evidencia-se a presença das alegorias no primeiro, no segundo e no terceiro pavimento do Palácio do Catete e a forma indisfarçável com que habita o jardim histórico, onde se destacam as representações do *Nascimento de Vênus* e dos *Cinco Continente*s (*América*, *África*, *Ásia*, *Europa* e *Oceania)*. De outro modo: o Museu da República contém

um palácio e um jardim histórico, essas duas instâncias estão em diálogo e, nas duas, as esculturas alegóricas têm notável presença. Além disso, o acervo preservado em Reserva Técnica está carregado de alegorias.

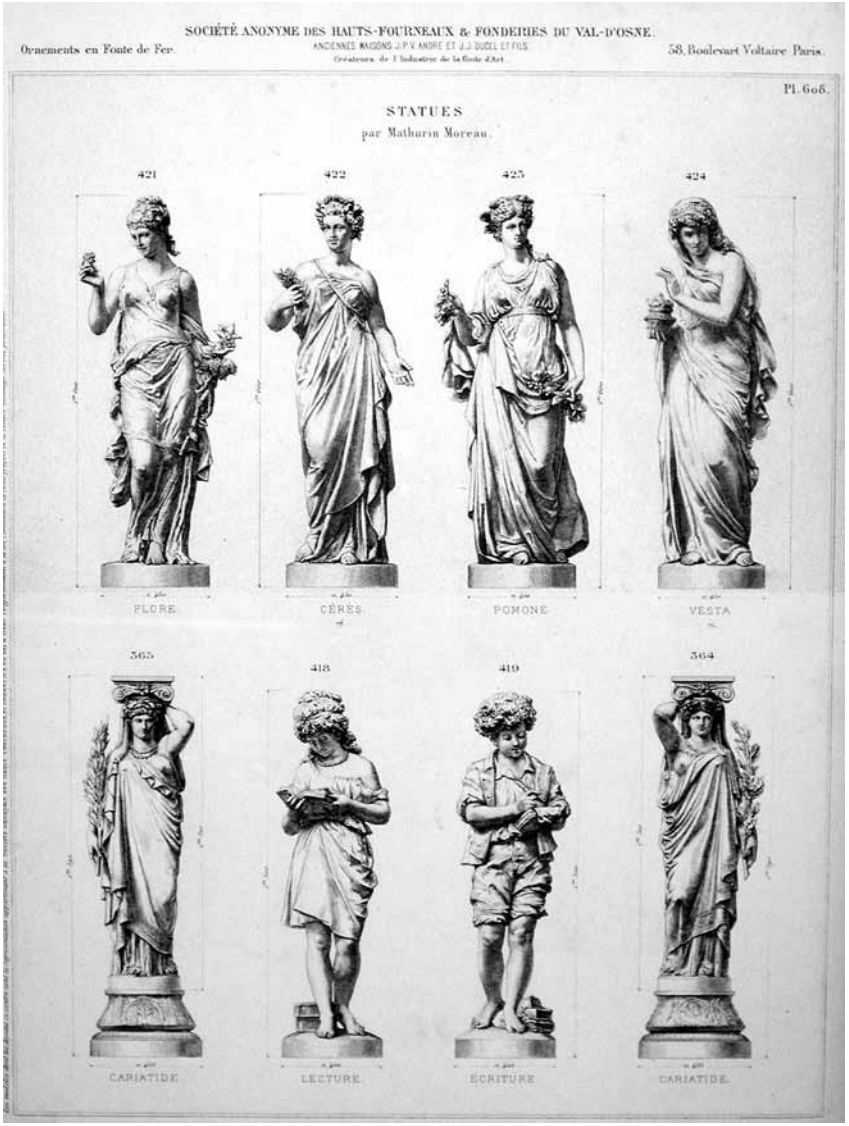
A mera localização das alegorias nos espaços do museu, entretanto, não é suficiente para compreendermos a sua importância enquanto objetos deflagradores de experiências mnemônicas coletivas. Há que se abordar as alegorias como artefatos que produzem significados e que promovem o necessário diálogo entre o museu e a sociedade. Isso significa que é necessário lê-las e submetê-las a renovadas leituras. Tendo isso em mente, nesta publicação concentramo-nos em quatro pares de esculturas que se encontram no vestíbulo do Palácio do Catete: *O Pudor e A Glória*; *A Escrita e A Leitura*; *Perseu* e *Ubirajara*; *Caçada ao Jaguar* e *Caçada ao Leão*.

Ainda que os receptores (sejam eles os visitantes, os funcionários do museu, os pesquisadores) estejam livres para se apropriar das alegorias da forma que puderem e desejarem, é sempre útil fornecer subsídios para que eles potencializem a sua capacidade de apropriação. Foi pensando nisso que essa publicação foi feita. A ideia é disponibilizar uma leitura singular das esculturas alegóricas que se encontram no vestíbulo do Palácio do Catete, no Museu da República. A leitura feita pelos pesquisadores foi transformada em escrita e oferecida para a leitura daqueles que têm diante de si a presente publicação, em movimento. Faz parte dos desejos dos organizadores e pesquisadores estimular outras pesquisas e outras publicações que tratem dos acervos do Museu da República, no sentido de promover aquilo que eles mais desejam: continuarem vivos e atuantes na nossa memória. Oxalá isso aconteça!

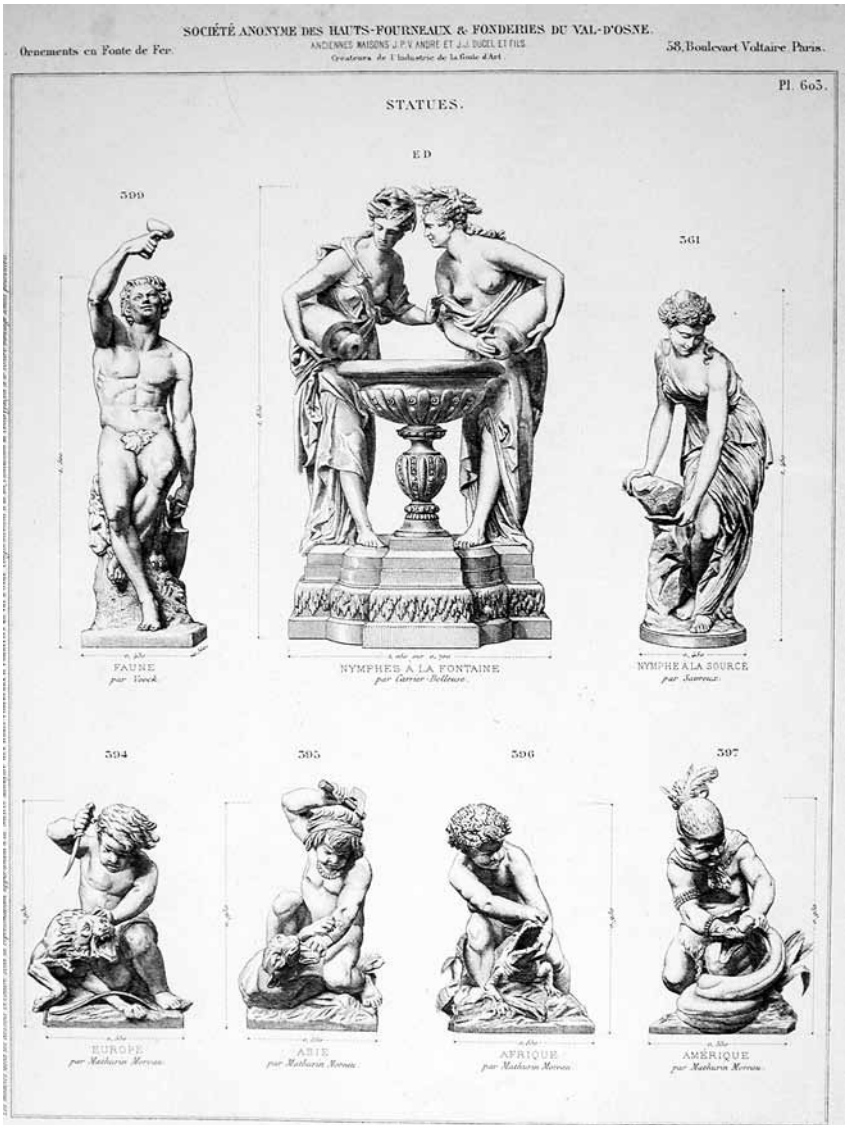
Mario Chagas e Marcelo de Souza Pereira



Capa do Album № 2 – Fontes d'Arts. Catálogo da Fundição Val D'Osne de 1900. Disponível em: https://e-monumen.net/patrimoine-monumental/vo2_pl000-couverture-et-table-des-matieres/



Album № 2 – Fontes d'Arts, prancha 608. Catálogo da Fundição Val D'Osne de 1877. Disponível em: https://e-monumen.net/patrimoine-monumental/vo2_pl608-statues/



Album № 2 – Fontes d'Arts, prancha 603. Catálogo da Fundição Val D'Osne de 1875. Disponível em: https://e-monumen.net/patrimoine-monumental/vo2_pl603-statues/